

**HUMBERTO EUSTÁQUIO SOARES MARTINS\***  
*Desembargador do Tribunal de Justiça de Alagoas*

A deposição sumária do presidente Hugo Gutiérrez, do Equador, que está agora asilado no Brasil, acende novamente a luz vermelha na América do Sul. Foi o terceiro presidente deposto sucessivamente nesta parte do mundo, o que cria uma situação parecida com a Argentina, no período que antecedeu a eleição do presidente Nestor Kirchner.

O ex-presidente não teve direito de defesa e a alegação do Congresso, de abandono do cargo, é inverídica, porque à altura da decisão parlamentar Gutiérrez estava sendo caçado pelos seus opositores, sem nenhuma espécie de garantia para si e sua família.

Uma eleição direta, em clima de estabilidade, liberdade e com respeito à legislação, parece ser o caminho mais indicado para devolver a normalidade institucional ao Equador, que apresenta níveis econômicos e sociais que se aproximam da média da América Latina: posição no Índice de Desenvolvimento Humano, IDH, 100º; Produto Interno Bruto, PIB, US\$ 45,6 bilhões (números de 2003); renda per capita, US\$ 3.300 (número de 2003); desemprego, 9,8%; subemprego, 47% (número de 2003); alfabetização, 92,5%, e população abaixo da linha de pobreza, 65%, estimativa de 2003.

Deposição no mesmo estilo da de Gutiérrez, homologada apressadamente por um Congresso acossado por manifestações populares, ocorreu anteriormente na Bolívia.

Situações provisórias, estabelecidas com a posse dos vices, geralmente se deterioram em curto prazo, e talvez isso aconteça no Equador.

A Organização dos Estados Americanos, OEA, e os governos do Brasil, Argentina, Peru e Bolívia estão particularmente interessados na situação equatoriana. Os Estados Unidos, à exemplo do que ocorre com todas as nações do mundo, também acompanham os desdobramentos da deposição do ex-presidente Gutiérrez.

A concessão de asilo, pelo Brasil, ao ex-presidente do Equador e família, pode ser considerada por dois ângulos principais: continuidade de uma tradição brasileira e confirmação da orientação do atual governo federal, de aumentar progressivamente a influência do nosso país no exterior, principalmente no continente americano.

Para alguns estudiosos da situação político-social da América do Sul, as inquietações que levaram à derrocada freqüente de presidentes no Equador e na Bolívia, revelam a decisão de índios e camponeses, historicamente marginalizados – que constituem grande parte da população – de participarem do processo político e terem uma participação maior na renda nacional.

Mas o que os noticiosos das TVs mostram é uma ativa participação da classe média nas manifestações de rua recentes no Equador.

O fato é que a América do Sul é uma região em ebulição, depois de um período em que a estabilidade e a democracia pareciam ter se consolidado.

Em verdade, estamos a vivenciar inquietações nos Países da América do Sul, pois as mudanças de seus governantes poderão provocar inseguranças na estabilidade do processo democrático, sendo, como exemplo, o Equador.